ISSN: 2358-8829

RITOS ORGANIZACIONAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO OLHAR DOS PIBIDIANOS

Ariany Vitoria Lopes de Souza[1]
Gustavo Henrique Vieira de Carvalho[2]
Maria Leticia Belarmino da Silva[3]
Nayanne Vitória Matias Araújo[4]
Marcela Natalia Lima de Figueirêdo[5]

INTRODUÇÃO

O âmbito escolar é um espaço marcado por diferentes formas de organização, relações sociais, normas e práticas que fazem parte do cotidiano dos estudantes. Nos anos finais do Ensino Fundamental, período de transição da infância para a adolescência, essas relações assumem características particulares, considerando as transformações físicas, sociais e emocionais vivenciadas pelos alunos. Nesse contexto, a organização do espaço e da turma constitui um aspecto importante do cotidiano escolar, especialmente em ambientes como quadras e pátios, nos quais a disposição dos estudantes influencia a comunicação, a participação e o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

Na Educação Física, essas formas de organização assumem uma importância

[1] Estudante de Educação Física, Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA), 2024105532@app.asces.edu.br
[2] Estudante de Educação Física, Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA), 2024142352@app.asces.edu.br
[3] Estudante de Educação Física, Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA), 2024142354@app.asces.edu.br
[4] Estudante de Educação Física, Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA), 2023142098@app.asces
[5] Professora orientadora: Mestre em Educação Física (PAPGEF UPE/UFPB), Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA), marcelafigueiredo@asces.edu.br.

ISSN: 2358-8829

ainda maior, considerando que o corpo e o movimento constituem elementos centrais do componente curricular. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) compreende a Educação Física como componente responsável pela tematização das práticas corporais, reconhecendo que sua aprendizagem envolve experiências corporais, relações sociais, participação e construção de sentidos (Brasil, 2018). Assim, pensar a organização dos estudantes durante as aulas significa também refletir sobre as formas pelas quais seus corpos ocupam, experimentam e significam os espaços escolares.

O corpo, nesse contexto, não pode ser compreendido apenas a partir de sua dimensão biológica, uma vez que também é constituído nas relações sociais e culturais, expressando maneiras de agir, comunicar-se e relacionar-se com os outros. Para Moreira, Chaves e Simões (2017), a compreensão da corporeidade permite reconhecer o ser humano como constituído simultaneamente por dimensões biológicas, sociais e culturais. Desse modo, as experiências corporais vivenciadas na escola estão relacionadas às formas de organização e aos significados produzidos nesse espaço.

A cultura escolar também interfere na maneira como os estudantes vivenciam seus corpos e suas relações. Pich (2010) aponta que o conceito de cultura escolar pode contribuir para compreender como determinadas práticas e significados são produzidos no cotidiano da escola, inclusive no campo da Educação Física. Nesse sentido, práticas consideradas comuns, como a formação de filas e círculos, os deslocamentos coletivos e os momentos de espera, não devem ser observadas apenas como procedimentos necessários para iniciar ou encerrar uma aula, mas também como ritos organizacionais que expressam determinadas formas de gestão da turma, organização espacial e relação entre professores e estudantes.

Esses ritos assumem diferentes significados conforme sua condução. Enquanto as filas favorecem a organização dos deslocamentos e a orientação coletiva, também podem padronizar comportamentos e controlar os corpos. Os círculos, por sua vez, possibilitam diálogo, escuta e interação, embora seus efeitos dependam das relações estabelecidas e de seu uso pedagógico. Assim, a organização dos estudantes não é neutra, pois influencia as relações de poder, a participação e a autonomia no ambiente escolar.

Essa discussão ganha relevância diante das experiências nas intervenções do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Nas aulas de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental, especialmente no 7º ano, observou-se

ISSN: 2358-8829

resistência dos estudantes à formação de filas e círculos, interferindo na organização inicial, na comunicação entre professores e alunos e no tempo destinado às atividades. Essas situações evidenciaram a necessidade de refletir sobre os sentidos atribuídos pelos adolescentes a tais organizações e suas implicações pedagógicas. Diante disso, questiona-se: qual a contribuição dos ritos organizacionais, como círculos e filas, para a Educação Física escolar nos anos finais do Ensino Fundamental? Busca-se compreender como a disposição espacial e a imposição ou negociação desses ritos influenciam o engajamento, a disciplina, a participação e as interações sociais. Spolaor e Prodócimo (2020), ao investigarem as filas no cotidiano escolar, apontam sua relação com estratégias de controle dos corpos, destacando que as resistências podem revelar outras possibilidades de organização e interação. Assim, a resistência nas aulas não deve ser interpretada apenas como comportamento inadequado, mas também em relação à cultura escolar e às formas de participação dos estudantes. A relevância deste trabalho está na necessidade de compreender como a organização do espaço e dos corpos interfere nas experiências educativas. Refletir sobre esses ritos permite questionar práticas naturalizadas, reconhecendo seu potencial tanto para a organização pedagógica quanto para a reprodução de relações hierárquicas. Também contribui para pensar estratégias de gestão que valorizem o diálogo, a inclusão e a autonomia dos estudantes. Na Educação Física, essa discussão ganha destaque pela necessidade de organizar a ocupação de quadras e pátios, a circulação dos alunos e as práticas corporais.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é refletir sobre os ritos organizacionais, como círculos e filas, na Educação Física escolar nos anos finais do Ensino Fundamental. Especificamente, busca-se descrever os ritos presentes nas aulas; investigar como a disposição espacial e a imposição ou negociação dessas organizações influenciam o engajamento, a disciplina, a participação e as interações sociais; e discutir a tensão entre controle corporal e disciplinarização, associados às filas, e diálogo e horizontalidade, potencialmente favorecidos pelos círculos.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo e reflexivo, elaborado a partir das vivências

ISSN: 2358-8829

de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) durante intervenções pedagógicas nas aulas de Educação Física, em diferentes turmas do 7º ano do Ensino Fundamental. A reflexão tem como foco as formas de organização coletiva dos estudantes, especialmente a formação de filas e círculos, considerando suas implicações para a gestão da turma, a ocupação dos espaços e as relações estabelecidas no cotidiano escolar. As experiências foram desenvolvidas em uma escola de Ensino Fundamental, durante as aulas realizadas em espaços destinados às práticas de Educação Física, como quadras e pátios.

Os participantes da experiência foram estudantes de diferentes turmas do 7º ano, situados na faixa etária correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental. O desenvolvimento da experiência foi organizado em dois momentos. Inicialmente, realizou-se uma observação diagnóstica das aulas, buscando identificar como os encontros começavam, transcorriam e terminavam, com atenção às formas de organização espacial dos estudantes. Nesse processo, foram observadas situações como a utilização de filas para a organização inicial, a realização de explicações coletivas, os deslocamentos e os momentos de interação entre professores e alunos. Também foram consideradas as reações dos estudantes diante das orientações de organização, especialmente as manifestações de resistência à formação de filas e círculos.

Posteriormente, as situações observadas foram retomadas durante as intervenções pedagógicas, possibilitando a reflexão sobre as formas de organização propostas e suas implicações para o desenvolvimento das aulas. Esse momento envolveu a análise das possibilidades de utilização de diferentes arranjos espaciais, considerando a formação de círculos, a organização coletiva e a participação dos estudantes nos momentos de orientação e diálogo. A experiência permitiu problematizar a imposição de determinados ritos organizacionais e a importância de considerar as interações e as respostas dos alunos na condução das atividades pedagógicas. A construção do relato fundamentou-se nas experiências compartilhadas pelos autores durante as intervenções, nas observações das atitudes dos estudantes e nas discussões realizadas coletivamente pelos bolsistas. As situações vivenciadas foram retomadas e analisadas a partir de uma perspectiva qualitativa, buscando compreender como a resistência dos estudantes às formações propostas interferia na organização inicial das aulas, na comunicação entre professores e alunos e no desenvolvimento das atividades.

A discussão foi desenvolvida por meio da articulação entre as experiências dos

ISSN: 2358-8829

bolsistas e o referencial teórico, com destaque para Spolaor e Prodócimo (2020), que discutem as relações entre corpo, organização e resistência nas filas escolares; Rocha, Winterstein e Amaral (2009), que abordam a interação social nas aulas de Educação Física; e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Essa articulação possibilitou uma reflexão crítica sobre as situações vivenciadas, evitando compreender a resistência dos estudantes exclusivamente como indisciplina e considerando suas relações com as formas de organização, participação e interação no espaço escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escola é um espaço marcado por normas, rotinas e formas de organização que orientam as relações entre os sujeitos. Nesse contexto, práticas como filas e círculos fazem parte da cultura escolar, influenciando a maneira como os estudantes ocupam os espaços e interagem durante as atividades. Segundo Pich (2010), a cultura escolar permite compreender as particularidades das práticas e dos significados construídos no cotidiano educativo, inclusive no contexto da Educação Física. Essas formas de organização também estão relacionadas à disciplina e à gestão dos corpos, uma vez que estabelecem maneiras específicas de posicionamento, circulação e comportamento dos estudantes. Na Educação Física, as filas podem representar uma organização baseada na hierarquia, no controle visual e na espera, podendo limitar as possibilidades de interação e participação. Por outro lado, os círculos ou rodas podem favorecer o contato visual, a escuta, o diálogo e a coletividade, possibilitando relações mais horizontais entre professores e estudantes. Nos anos finais do Ensino Fundamental, essa discussão ganha relevância devido às transformações sociais, afetivas e culturais características da transição da infância para a adolescência. Nesse período, os estudantes ampliam suas relações sociais e buscam maior autonomia e reconhecimento entre os colegas. Dessa forma, a organização dos espaços e dos corpos nas aulas de Educação Física deve considerar não apenas a disciplina, mas também a participação, a inclusão, a autonomia e as relações coletivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das experiências dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foram organizadas três categorias analíticas: resistência

ISSN: 2358-8829

às formas de organização coletiva; vergonha e exposição diante do grupo; e medo do julgamento nas relações entre estudantes. Essas categorias emergiram das intervenções e permitem compreender como a organização cotidiana envolve aspectos sociais e subjetivos da participação.

Resistência às formas de organização coletiva: Durante as intervenções, observou-se resistência à formação de filas e círculos, interferindo na organização inicial das aulas e na comunicação com os bolsistas. Embora utilizadas para orientar explicações e atividades, essas formações nem sempre ocorriam espontaneamente. A fila, por ser habitual no cotidiano escolar, apresentava-se naturalizada, mas também gerava dispersão, conversas paralelas e resistência nas transições. Spolaor e Prodócimo (2020) contribuem para essa reflexão ao discutirem as relações entre organização dos corpos, normas e resistência. Além disso, a fila estabelecia momentos de espera e controle disciplinar, limitando interações e favorecendo a passividade dos estudantes.

. Medo do julgamento e interação entre os estudantes: O desconforto diante da exposição no centro do grupo permite refletir sobre o medo do julgamento dos colegas. Comentários, brincadeiras e avaliações podem gerar desconforto, sobretudo em situações de maior visibilidade individual. Rocha, Winterstein e Amaral (2009), ao abordarem a interação social nas aulas de Educação Física, contribuem para compreender a influência dessas relações nas situações educativas. Nesse contexto, o círculo favorece o contato visual, a escuta e o diálogo, podendo fortalecer o pertencimento e a participação coletiva. Entretanto, também pode provocar desconforto pela exposição, demonstrando que nenhuma configuração garante, isoladamente, a participação de todos.

As experiências evidenciam a importância de equilibrar a organização docente com a participação dos estudantes na construção das regras coletivas. Negociar os espaços, estabelecer combinados e envolver os adolescentes nas decisões favorece a autonomia e a responsabilidade compartilhada. Para os bolsistas do PIBID, essas situações promoveram reflexões sobre a atuação docente e o desafio de conciliar organização pedagógica e liberdade de movimento, sem recorrer apenas ao controle rígido dos ritos tradicionais.

Assim, a organização coletiva nas aulas de Educação Física ultrapassa a distribuição dos estudantes no espaço. As resistências, o desconforto com a exposição e o medo do

ISSN: 2358-8829

julgamento reforçam a necessidade de considerar as dimensões sociais e subjetivas do cotidiano escolar, valorizando práticas que favoreçam participação, comunicação, autonomia e convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) possibilitaram refletir sobre as formas de organização coletiva nas aulas de Educação Física, especialmente a formação de filas e círculos, evidenciando que essas práticas ultrapassam sua função organizacional e estão relacionadas às formas de interação, participação e ocupação dos espaços escolares pelos estudantes. A resistência observada diante dessas formações, assim como o desconforto percebido em situações de exposição individual, permitiu problematizar a interpretação dessas manifestações exclusivamente como indisciplina.

A discussão desenvolvida aponta para a importância de considerar os aspectos sociais e subjetivos envolvidos no cotidiano escolar, incluindo a possível relação entre a vergonha corporal, o medo do julgamento dos colegas e a participação nas atividades. Entretanto, essas relações devem ser compreendidas a partir das particularidades de cada situação, sem generalizar as experiências dos estudantes. Nesse sentido, o diálogo com autores que discutem cultura escolar, corporeidade, vergonha e interação social contribuiu para ampliar a compreensão das práticas organizacionais presentes nas aulas de Educação Física. As reflexões também reforçam a importância de uma atuação docente atenta às características da turma, capaz de reconhecer os diferentes modos de participação e de construir estratégias pedagógicas que favoreçam a comunicação, o respeito e a convivência.

Como possibilidade de aplicação prática, destaca-se a necessidade de avaliar a finalidade pedagógica das filas e dos círculos, considerando outras formas de organização coletiva quando forem mais adequadas aos objetivos das aulas. Essa reflexão pode contribuir para a formação inicial e continuada de professores de Educação Física, incentivando a observação crítica das rotinas escolares e a construção de ambientes educativos nos quais os estudantes se sintam respeitados e acolhidos.

Por fim, reconhece-se que, por se tratar de um relato de experiência

fundamentado nas vivências dos bolsistas, as reflexões apresentadas não permitem estabelecer relações causais entre as formas de organização escolar, a vergonha corporal e o medo do julgamento. Dessa forma, sugere-se a realização de novas pesquisas que investiguem como os próprios estudantes compreendem essas situações e quais fatores influenciam sua participação nas aulas. Estudos futuros poderão aprofundar a relação entre organização coletiva, exposição corporal e interação social, contribuindo para a produção de conhecimentos científicos e para o aprimoramento das práticas pedagógicas na Educação Física escolar.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Organização; Filas; Adolescentes.

REFERÊNCIAS

BARROS, Laís Vitória Pinto; ALBUQUERQUE, Diogo Barbosa de; GOMES, Betânia do Carmo Rodrigues; MELO, Gertrudes Nunes de; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Adolescentes como espetáculo: aspectos da autoimagem e da vergonha nas aulas de Educação Física.** Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista, v. 22, n. 4, p. 15–24, 2023. Disponível em: https://fontouraeditora.com.br/periodico/public/storage/articles/710MEwtibPfRUhC9To76NSHXoaEMHIBf3Duc5G0C.pdf. Acesso em: 30 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 out. 2026.

MOREIRA, Wagner Wey; CHAVES, Aline Dessupoio; SIMÕES, Regina Maria Rovigati. **Corporeidade: uma base epistemológica para a ação da Educação Física.** Motrivivência, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 202–212, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p202. Acesso em: 30 out. 2026.

MORENO, Bruno Stramandinoli; POLATO, André Luís; MACHADO, Afonso

Antonio. **O aluno e seu corpo nas aulas de Educação Física: apontamentos para uma reflexão sobre a vergonha e a mídia.** Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 8, p. 85–104, jan./jun. 2006.

PICH, Santiago. **Cultura escolar, vida das escolas e Educação Física escolar: balanço e perspectivas.** Motrivivência, Florianópolis, n. 32–33, p. 230–257, 2010. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2009n32-33p230. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p230. Acesso em: 30 out. 2026.

ROCHA, Braulio; WINTERSTEIN, Pedro José; AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Interação social em aulas de Educação Física.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 235–245, jul./set. 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000300005. Disponível em: https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16726. Acesso em: 30 out. 2026.

SPOLAOR, Gabriel da Costa; PRODÓCIMO, Elaine. **Corpo e escola: o que o brincar nas filas [re]vela.** Motrivivência, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 1–16, 2020. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020.e66349. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020.e66349. Acesso em: 30 out. 2026.